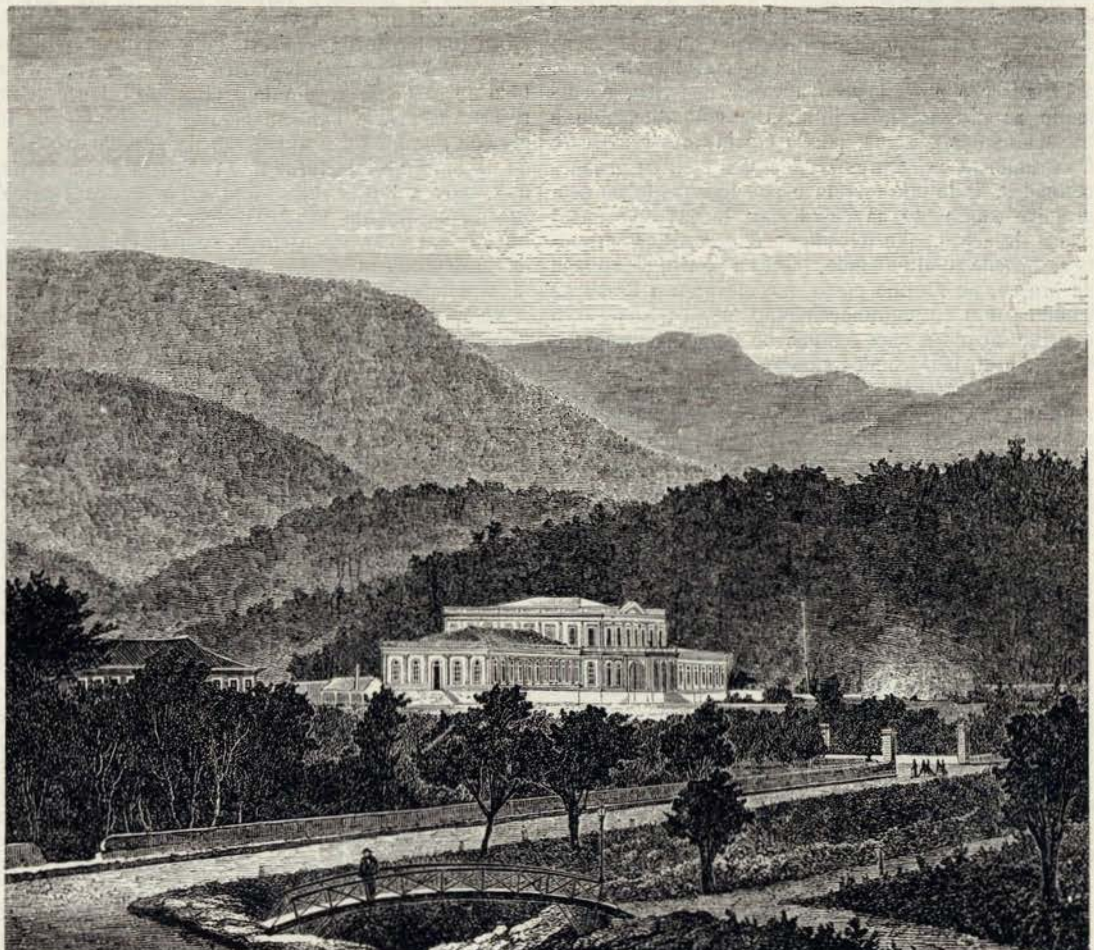
BRASIL



Palacio imperial de Petropolis

BRASIL

ESTRADA NORMAL DE PETROPOLIS AO JUIZ DE FÓRA

Poucos paizes tem diante de si um futuro tão risonho como o Brasil. Fadou-o a Providencia para attingir alto grão de desenvolvimento e prosperidade. Tão vasto territorio; tantos rios caudalosos cortando o paiz em todas as direcções; tão magnificas bahias, tão amplos e seguros portos; terrenos feracissimos quer nos valles, quer nas montanhas; infinita variedade de productos dos tres reinos da natureza, qual d'elles mais valioso ou mais bello; um clima, em fim, que conserva o solo em perenne fecundidade, e a vegetação em constante primavera; são condições de tal força e grandeza, que necessariamente hão de produzir a riqueza e o poderio da nação que o habitar.

Tem encontrado o Brasil, não ha duvida, graves obstaculos no caminho dos seus progressos. As difficuldades que pêam naturalmente a cada passo as nações noveis nos gozos da independencia e nas lides da liberdade, accresceram-lhe outras, fortuitas, mas não menos paralysadoras do desenvolvimento do paiz. Uma d'estas veiu-lhe como exigencia forçada da civilisação; outra como um d'esses flagellos com que Deus costuma pôr a prova a fé e resignação de um povo. É a primeira a questão do trabalho pela falta de braços, falta devida em primeiro logar á extincção do trafico da escravatura, e depois aos sacrificios que fazem os europeus supportando as fadigas da agricultura sob os ardores do sol tropical. A outra é a febre amarella.

Cremos, porém, firmemente que o Brasil ha de vencer estas difficuldades com que ainda lucta, como venceu as outras. Saiu triumphante d'estas pela acção do tempo, pelo bom juizo dos partidos, e pela illustração, patriotismo e virtudes do soberano que preside aos seus destinos. Triumphará d'aquellas, esperâmol-o confiadamente, pela perseverança do governo e concurso da nação, para o aperfeiçoamento do systema de colonisação, e para os melhoramentos materiaes; e pelo auxilio da misericordia divina.

O flagello que tanto tem dizimado a população do imperio, afugentado das suas praias milhares de braços, vae em tão progressiva diminuição, que deixa nutrir fundadas esperanças de que em breve se extinguirá, ou, pelo menos, perderá o caracter devastador.

A questão do trabalho acha-se tambem em caminho de resolução. Se o que se tem feito para a resolver não é ainda sufficiente, sel-o-ha, com o correr dos annos, a continuação d'esses esforços. Os moder-

nos instrumentos, novas machinas, e novos processos que se vão introduzindo na agricultura, com sensivel diminuição da necessidade de braços; os successivos aperfeiçoamentos no systema de colonisação, se forem dirigidos pela idéa de melhorar a sorte dos colonos; o melhoramento das condições hygienicas no interior do paiz pelo proprio desenvolvimento da agricultura; e, finalmente, as boas estradas e caminhos de ferro, a canalisação e navegação a vapor nos rios, encurtando as distancias, facilitando e embaratecendo o transporte dos generos, pondo em intimas relações e facil contacto os centros productores com os grandes mercados, influindo directa e poderosamente no progressivo augmento da população; todos estes fortes meios de acção, que felizmente vemos postos em prática, hão de ir attenuando, pouco a pouco, a carencia de braços, ao mesmo passo que elevarão o Brasil ao subido ponto de engrandecimento moral e physico, a que lhe dá jus a feliz reunião de tantas riquezas naturaes, e de tão grandes vantagens geographicas.

Engrandecer-se-ha pois o Brasil, e a sua grandeza refluirá sobre Portugal, não só pelos vinculos de parentesco e pelas tradições da historia, que unem os dois povos como em uma familia de irmãos, mas tambem, e ainda mais, pelas ligações de grandes e reciprocos interesses, que de dia para dia augmentam de vulto e valor.

Portugal continuará a enviar ao Brasil a sua mais lucrativa exportação, mais lucrativa apesar da falta que lhe faz em casa, a exportação do trabalho, hoje primeira necessidade, e uma das principaes condições para a futura florescencia d'aquelle imperio. E o Brasil proseguirá tambem, enviando-nos em retorno essa prodigiosa somma de capitaes, que vem annualmente para o seio do nosso paiz fecundar as industrias pela creação de emprezas fabris e commerciaes, e pela fundação de novos bancos.

Considerar-se-ha bem pago aquelle imperio dos valores metallicos que assim larga de si, pelos braços que importa, tanto pelo numero, como pela qualidade, pois que, certamente, de nenhuma parte do globo recebe mais numerosa emigração, nem tão activa, economica, e morigerada. E este nosso reino fica amplamente compensado dos braços que perde, pelo poderoso elemento que em troca adquire para o desenvolvimento da sua industria, e para a exploração dos seus immensos recursos naturaes, que são a seu turno não menos poderosas causas de augmento de população.

A obra colossal, que nos suggeriu estas considerações, vem em abono do que dizemos, e é um dos penhores que o Brasil offerece da sua futura grandeza e prosperidade. Essa obra é a magnifica estrada normal feita pela companhia *União e Industria*, e que liga o Rio de Janeiro com a provincia de Minas Geraes, uma das mais ricas provincias do imperio.

Com esta estrada abriu-se facil e rapida saída aos valiosos generos de Minas Geraes, principalmente o café, cuja cultura tanto tem augmentado, e cuja conducção para um ponto de embarque tão difficil e dispendiosa era outr'ora. Não se limitou, porém, o beneficio publico á simples construcção da estrada. A companhia constructora estabeleceu n'ella um excellente serviço de diligencias e de carros de transporte de mercadorias, em quantidade e velocidade apropriadas, para dar prompta expedição a todos os productos que aquella provincia quizesse enviar ao grande mercado do Rio de Janeiro.

Além da sua importancia, como elemento de prosperidade publica, esta estrada é um honroso monumento da civilisação do imperio como obra de arte, e uma prova authentica do empenho com que alli se procura promover os interesses materiaes do paiz, pois que não se pouparam despezas nem sacrificios para levar a cabo uma das mais grandiosas emprezas d'este genero que existem em toda a America.

Não é a sua grande extensão que a faz tão notavel, por quanto não conta mais de 144 kilometros, mas sim as muitas e variadas obras de arte que foi mister executar para vencer os embaraços que offereceu um territorio, ora levantado em altas serranias, ora cavado em profundas quebradas, e a cada passo cortado de rios, ou eriçado de penhas, ou coberto de florestas virgens. É tambem notavel pelos edificios das estações, muitos dos quaes são de grande vastidão e de elegante architectura. E a tudo isto ainda se juntam, para a tornar mais singular, as bellezas da paizagem, os quadros formosissimos que a vão acompanhando em todo o seu curso, sempre cheios de pompas e de contrastes, mas variando de aspecto de instante a instante.

Faremos conhecidas dos nossos leitores algumas d'essas mais lindas perspectivas, reproduzindo em gravura varias photographias escolhidas entre as de uma copiosa collecção que representam as principaes vistas da referida estrada com suas pontes e estações, e que constituem um rico album com que o sr. João Eliziario de Carvalho Monte Negro presenteou ha pouco a empreza d'este jornal. Começâmos pela vista em que avulta o palacio imperial de Petropolis, porque é n'esse ponto que principia a estrada da companhia *União e Industria*.

Petropolis é uma cidade pequena mas bonita, e construida com regularidade. Foi fundada pelo actual imperador em uma planura da serra da Estrella, que a mesma montanha cérca de altos pincaros. A sua grande elevação acima do nivel do mar dá-lhe a importante vantagem de gozar ameno clima, e ares frescos e saluberrimos. E nem por estar em tamanha altura lhe falta agua, condição essencial ao desenvolvimento das povoações; antes por um singular favor da natureza possue d'ella tanta cópia, que correm pelo centro ribeiras de cristallinas aguas, canalisadas, e cortadas por muitas pontes; e, além das ribeiras, passa ahi um rio, cujas margens são bordadas de arvoredo.

Petropolis é pois a Cintra da capital do imperio. O sr. D. Pedro II ennobreceu a cidade do seu nome com um palacio de campo, cercado de graciosos jardins. Não é a residencia sumptuosa de um monarcha faustoso; mas sim a habitação esbelta, simples, e aprazivel de um soberano verdadeiramente constitucional, philosopho, amigo do povo, de costumes singelos, de um soberano, em fim, que reputa a sua coroa imperial um encargo prenhe de pesados deveres, e não um adorno da vaidade. É um palacio de proporções regulares, nem vasto, nem acanhado, e no qual a nobreza da architectura soube alliar-se com a elegancia e simplicidade.

A fachada principal do palacio está representada em a nossa gravura. Corre-lhe por diante a estrada da companhia *União e Industria*, cortando o parque imperial. Nas costas do paço erguem-se pequenos outeiros que o mesmo parque tem vestido de denso arvoredo; e mais distante levanta a serra da Estrella outras cristas mais elevadas.

No verão, quando o ardente sol dos tropicos parece querer abrazar a capital, tornando-a incommoda e menos salubre, povoa-se e abrilhanta-se Petropolis, como a nossa Cintra, com a residencia da corte, do corpo diplomatico, e de muitas pessoas ricas da classe commercial.

É rapida e commoda a communicação entre a capital e Petropolis. Todos os dias, pelas duas horas da tarde, parte um barco movido a vapor da cidade do Rio de Janeiro em direcção a Manã, situada em um dos pontos extremos da bahia. Leva apenas meia hora esta primeira parte do trajecto.

De Manã segue-se em caminho de ferro até ás fal-

das da serra da Estrellá. São mais vinte minutos de viagem. D'ahi até Petropolis vae-se em diligencia por uma bella estrada que, descrevendo zigue-zagues pelo dorso da montanha, alcança, sem excessivos declives, a elevadissima posição em que está sentada a cidade. Gastam-se pouco mais de duas horas na subida da serra. O viajante, porém, não se enfada com a jornada, apesar do incommodo que necessariamente deve causar uma tão longa ascensão. Antes pelo contrário, as bellezas da paizagem, que vae contemplando extasiado, fazem-lhe parecer curto aquelle espaço de tempo, e veloz e suave a corrida da diligencia. Em umas partes são os bosques frondosos que vestem as encostas da serra o que mais lhe prende a attenção; em outras partes são as grossas torrentes, que se despenham de rocha em rocha, formando soberbas e ruidosas cascatas; e, onde a estrada corre desassombrada de arvores, enleiam-se-lhe os olhos nos deliciosos paineis que d'alli relanceiam. Agora é a cidade do Rio que alveja ao longe, reclinada sobre comprida alcatifa de verdores. Logo é a sua formosa bahia, semeada de ilhas, rodeada de montanhas em que verdejam graciosas florestas de coqueiros. Além é o Oceano, ostentando o seu vulto magestoso por entre as quebradas da serra, ou através da ramagem das arvores.

E assim divertidos seus olhos, e engolphado o espirito em tantos encantos, chega o viajante despercebido á cidade de Petropolis, onde começa, como acima dissemos, a magnifica estrada normal da companhia *União e Industria*.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS A UMA SENHORA

I

AS PEROLAS

Senhora minha. — Não ha ahi poeta, por mais emperrada que tenha a ronceira imaginativa, que em seus devaneios phantasiosos não haja comparado os dentes da sua Beatriz, Natercia, Laura, ou o que quer que seja, a uma fieira de finissimas perolas de Ceylão.

Aposto já aqui, um contra cem, que v. exc. tem um album todo cheio de arabescos indecifraveis, que o vulgo ignaro alcunha de versos.

Não negue, minha senhora, não córe. Bem sei eu que o carmim das faces lhe dá formosura; mas peccado não é ter um album.

Pois n'esse album, não negue, repito, ha necessariamente uma poesia, que assim ha de rezar:

És bella! és formosa!
Não tens um senão.
Fragrante, qual rosa,
Qual lyrio loução.

Continuou o poeta n'este tom, e, senão mentiu ás tradições da eschola, acabou do seguinte modo:

. . . .
Os dentes são per'las
Na boca a fulgir.

Tudo isto reforçado com grande cópia de pontos de admiração, interrogação, reticencias, pontinhos mysteriosos, etc.

Adivinhei ou não? Não córe, eu já o sabia. Tanto assim é, que uma vez, estando v. exc. a chorar (provavelmente a espalhar o nervoso) lhe disse elle (o poeta... gafenho), a seguinte prosa-poetica:

Ah! minha senhora, as suas lagrimas são perolas liquidas, penduradas das ramagens dos seus olhos.

O bom do poeta tinha a mania das perolas.

Era mania de preto-caiador.

De preto, sim, minha senhora. Á face da terra e da abobada cerulea (era chavão do bom gafenho), juro que quem falla em perolas falla em cal.

Traz v. exc. duas perolas pendidas das orelhas. Lindas são. (Refiro-me ás perolas, queira desculpar).

Pois traz dois pingos de cal, nem mais nem menos, exactamente, chimicamente eguaes á agua esbranquiçada com que a cozinheira pinta a chaminé!

Horror! Cruciante zombaria!
Uma perola ser...
Oh! que não sei de nojo como o conte.
Pensando nas orelhas perl'as ter,
Apenas encontrei de cal dois pingos!

dirá v. exc. paraphraseando livremente tres sublimes versos de Camões. Queira-me ouvir devagar.

Verdade é que as perolas são formadas de calcareo, mas o calcareo vae-se dispondo por camadas finissimas e regulares.

É v. exc. uma creatura formosa, chama-se D. F...; ha outras senhoras com o mesmo nome, formadas das mesmas substancias, e que fazem horror.

De que provém esta differença? Evidentemente da disposição das substancias.

Dá-se o mesmo no caso que estamos considerando.

Quer agora saber quem é o maravilhoso lapidario?

Não sorria, minha senhora, não franza os beiços desdenhosos. O artista inspirado é um marisco humilde e miseravel.

Porque não tem que fazer; porque aborrece a ociosidade, mãe dos vicios; porque não segue o exemplo d'aquelle madraço do pastor de Virgilio, que andava sempre de mãos nos bolsos, e a comer castanhas piladas, dizendo de vez em quando: *Ó Melibeu! deus nobis hæc otia fecit;* porque foi este o seu destino, faz perolas.

Tudo n'este mundo descreve um circulo fatal, a que não ha fugir. Até o pilriteiro dá pilritos.

Pilriteiro, dás pilritos,
Porque não dás coisa boa;
Cada um dá o que tem,
Segundo sua pessoa.

disse o bom Philinto.

Voltemos ao nosso caso.

Imaginemos que a concha se abre a receber os raios do sol. Tambem os mariscos gostam de espairecer magoas e tristezas. Alevanta-se de repente uma brisa; move-se a areia, e um grãosinho cae dentro da concha. Um grão de areia é coisa incommoda, mau grado aos *silicophilos*, se porventura os ha. O marisco não se dá bem. Zanga-se, estorce-se, e contrae-se, e a areia, de teimosa, cada vez a fixar-se mais. Cae em si o marisco. Medita para logo uma vingança; prende o azinho grão. Começa de segregar um liquido anacarado e brilhante, que cada anno lhe vae augmentando a casa, a tempo que as asperezas se cobrem e somem-se.

O animalsinho rodeia o grão de areia de camadas de nacar successivas, até que o invólucro seja de todo macio e doce.

Bem diziam os antigos que as perolas eram lagrimas dos deuses. Lagrimas são, e bem sentidas. Cada perola encerra uma elegia, uma dor profunda.

Veja agora v. exc. a bruteza, o supremo egoismo dos homens.

Os hollandezes traficam ha muito com a desgraça dos mariscos. Abrem as conchas, e mettem-lhes dentro um traiçoeiro corpusculo, que o animal não póde expellir; collocam depois o marisco, assim aviado,

no fundo do mar. *Consummatum est.* O homem sacrificou um triste bichinho, pelo motivo de não ser formado á similhança do Creador. Medonha irrisão da sorte! Passados tres annos as conchas contém uma perola diaphana e formosa.

Na seguinte carta serei mais extenso, se porventura não enfadar o que é — De v. exc., etc.

A. Osorio de Vasconcellos.

BOM JESUS DO MONTE

(Vid. pag. 105)

III

Ergue-se a montanha do sanctuario a uns 3 kilometros a léste de Braga, no meio de outras serras que vão rodeando os viçosos campos, que a seu turno fazem cercadura ao oiteiro, pouco elevado, em que a cidade primaz se acha senhorilmente sentada.

Estende-se a montanha com suave pendor até proximo de Braga; porém o sanctuario começa no ponto em que a encosta é mais ingreme. A esta parte é que denominam *Monte do Bom Jesus*. Na raiz, portanto, d'este monte é que se abre o portico de entrada do sanctuario, precedido de um terreiro ou avenida de uns 100 metros de extensão, ornada com duas pyramides ao entrar n'ella.

Conduz ao portico, entre dois tanques de agua corrente, uma escada de doze degraus. O portico é de granito, como todas as mais construcções do sanctuario. A sua altura é de 7^{m},26, e a largura de 3^{m},50. Tem por adorno, no fecho do arco, o brazão de armas do fundador, o arcebispo D. Rodrigo de Moura e Telles; e na parte superior a cruz archiepiscopal em meio de quatro pyramides, e dois globos com suas peanhas. Duas inscripções gravadas nos cunhaes commemoram o anno da reedificação do sanctuario (1723), e o nome d'aquelle prelado reedificador.

Transpondo o limiar do portico, encontram-se duas capellas junto d'elle, uma de cada lado, e a par das capellas duas fontes. As capellas são quadradas, e coroadas por uma cupula pyramidal de quatro faces. A que fica á direita de quem entra mostra a representação da Ceia, no momento em que Jesus Christo, acompanhado dos apostolos, instituiu o sacramento da Eucharistia. A capella da esquerda representa o horto de Gethsemani, no monte Olivete, em que está Christo orando e os apostolos dormindo. Cada capella tem a sua inscripção em latim, allusiva ao assumpto que n'ella está figurado, e tirada de algum dos livros dos evangelistas. As fontes são ornadas com emblemas das divindades mythologicas, a quem estão dedicadas, e cujo nome ahi se vê gravado em uma tarja.

Esta mistura da historia sagrada com a da fabula, que se introduziu nas artes em Portugal durante os tempos poeticos das suas emprezas cavalleirosas, ainda dominava no gosto dos artistas em o norte do reino, quando o arcebispo D. Rodrigo procedeu á reedificação do sanctuario. Dizemos em o norte do reino, porque no sul, principalmente em Lisboa, achava-se esse mau gosto reduzido á litteratura. N'essa epocha já as artes aqui, em geral, o tinham proscripto. É certo, porém, que fazia então as delicias dos socios da *academia real de historia portugueza* nos seus discursos e panegyricos academicos.

A gravura que publicâmos n'este numero mostra com bastante exactidão aquelle portico e as duas capellas contiguas. O que tem de menos em belleza de ornamentação, suppriu-lh'o a natureza com o gracioso toldo de verdura com que a tudo estão cobrindo corpulentos platanos e carvalhos.

Do portico vae subindo a avenida pela encosta do monte, ao principio direita até á terceira capella, depois em zigue-zagues até á primeira escadaria, chamada dos *Cinco Sentidos*.

A avenida é bella e magestosa pela sua muita largura, pelo copado arvoredo que a assombra, e pela vista aprazivel da matta, que a acompanha de ambos os lados vestindo o monte. Separa-a da matta um muro baixo, revestido de cantaria, que não terá mais de um metro de altura, e ornado a largos espaços com suas pyramides de pedra.

Nos logares em que a avenida, descrevendo os zigue-zagues, fórma os angulos, ergue-se uma capella, e ao lado d'esta, ou em frente, no mesmo patim, uma fonte. Todas as capellas da avenida, em numero de oito, são perfeitamente eguaes na architectura, e por conseguinte como as duas a par do portico.

Na terceira capella estão figuradas a traição de Judas e a prisão de Jesus Christo. A fonte que está contigua tem o nome de Diana, e esculpidas na pedra as divisas d'esta divindade.

A quarta capella representa o pretorio de Pilatos, onde açoitaram a Christo, preso á columna. Defronte vê-se a fonte de Marte com os seus emblemas guerreiros.

Na quinta capella figuraram a outra scena que se passou no mesmo pretorio. N'ella apparece Jesus, depois de flagellado, sentado, com a fronte cingida com uma coroa de espinhos, a tunica vermelha lançada sobre os hombros, a canna verde na mão, e saudado por escarneo como rei de Israel. A esta capella corresponde a fonte de Mercurio.

A sexta capella mostra a varanda de Pilatos, e este apresentando o Salvador ao povo com as palavras *Ecce Homo*. A fonte correspondente é dedicada a Saturno.

A septima capella é a de Jesus Christo, caminhando para o calvario com a cruz ás costas. Tem junto a fonte de Jupiter.

A oitava capella representa a crucificação de Christo.

Todas estas representações dos passos da vida de Christo são feitas de barro, sendo as figuras de proporções naturaes. A arte não tem alli coisa alguma de que se honre. As figuras são defeituosas; a pintura pessima; e os trajos em grande parte faltos de verdade historica.

Acham-se mutiladas muitas estatuas de phariseus, e junto d'ellas vêem-se as pedras que serviram de instrumentos d'essa obra de destruição. Aquelle bom povo das aldeias julga, na sua rude devoção, que vinga de algum modo as injurias e tratos feitos ao Senhor, atirando pedradas aos judeus através das grades de ferro que vedam a porta e janellas das capellas. É um triste documento, que apresentâmos aos estrangeiros, da falta de instrucção do nosso povo.

IV

Finalisa a avenida na oitava capella. D'ahi para cima até á coroa do monte sobem as grandes escadarias, decoradas de fontes e de estatuas. A primeira escadaria, chamada dos *Cinco Sentidos*, compõe-se de vinte lanços, cada um de nove degraus; dez lanços correndo dois a dois a encontrar-se no mesmo patamar, e os outros dez seguindo direcção desencontrada d'estes, e acabando cada um em seu patamar. Á entrada da escadaria, dividindo os dois primeiros lanços, está a fonte das *Cinco Chagas*, assim denominada porque lança a agua por cinco fendas similhando as cinco chagas de Christo. Decoram-n'a muitos ornatos architectonicos, e os dados, a tunica, o calix, e os instrumentos da paixão esculpidos na pedra. Nas cinco paredes centraes, correspondentes aos lanços que se encontram no mesmo patamar, estão cinco fontes ornamentadas, e com versiculos e allegorias allusivas a

cada um dos cinco sentidos do homem, d'onde a escadaria tirou o nome.

Vê-se em cada fonte meio corpo humano em relêvo, saindo a agua pela boca, ou pelos olhos, ou pelos ouvidos, etc., segundo o sentido que a mesma fonte representa. Sobre as fontes levantam-se outras tantas estatuas, e aos lados d'estas vasos, ou urnas. As paredes dos lanços lateraes são coroadas tambem com estatuas no centro, e vasos nas extremidades.

As estatuas representam, principiando de baixo: o *pastor prudente; Moysés;* o *propheta Jeremias; Idithun* o *tocador de cithara; David;* a *esposa dos cantares* (uma mulher tocando na lyra) symbolisando a egreja de Jesus Christo; o *varão sabio; Noé; Sunamites,* abraçando uma palmeira; *José do Egypto; Jonathas; Esdras; Salomão;* o *propheta Isaias;* e *Isaac.*

Vão acompanhando a escadaria por ambos os lados pequenos jardins em sucalcos, d'onde se debruçam acacias e outras arvores, que vem dar sombra ás escadas.

Esta escadaria é obra do arcebispo D. Rodrigo de Moura e Telles. A imperfeição das estatuas, dos baixos-relevos e mais lavores que adornam as fontes, patenteia o atraso em que se achava a esculptura em pedra, na cidade de Braga, durante o primeiro quartel do seculo XVIII.

Todas as estatuas são de granito, e colossaes. Como o esculptor não as pôde crear bellas, quizeram fazel-as



Portico da entrada do sanctuario do Bom Jesus do Monte

ricas, doirando-lhes as cercaduras dos vestidos, as faxas que lhes apertam a cintura, os diademas e outros ornatos que lhes cingem a fronte, os sceptros, lanças e outras armas que empunham. Este triste documento da depravação do bom gosto artistico não está restricto, infelizmente, ao sanctuario do Bom Jesus do Monte. Encontra-se repetido a cada passo por toda a provincia do Minho. O proprio Porto, segunda cidade do reino, e onde existe uma academia de bellas artes, lá mostra egual documento nas doiraduras das estatuas que decoram o magnifico templo da Santissima Trindade, e em outras imagens de pedra que se vêem desfiguradas com grosseiras pinturas nos frontispicios de diversas egrejas. São factos que nos envergonham aos olhos dos estrangeiros que visitam o nosso paiz.

Á escadaria dos *Cinco Sentidos* segue-se a das *Tres Virtudes*, mettendo-se apenas de permeio um pequeno terreiro quadrangular, com assentos, e sobre as paredes que o cercam com vasos e pyramides.

Esta segunda escadaria, que faz o objecto da gravura publicada a pag. 105, e que foi copiada de uma linda photographia da collecção do sr. Seabra, é egual á primeira na construcção; porém é mais pequena. Conta doze lanços, tres fontes, e nove estatuas. A primeira fonte, denominada da *Fé*, tem esculpida na pedra a cruz sobre o calvario. As tres estatuas que lhe correspondem, são: a da *Fé*, sobre a fonte; e aos lados a da *Docilidade* e a da *Confissão*. A segunda fonte é a da *Esperança*, symbolisada na arca de Noé poisada na crista da montanha. A estatua superior figura a *Esperança*, e as lateraes representam a *Confiança* e a *Gloria*. A terceira fonte tem por nome a *Caridade*, por allegoria dois meninos segurando um coração, e por coroa a estatua da *Caridade*, uma mulher com duas crianças nos braços. As estatuas dos lados symbolisam a *Paz* e a *Benignidade*.

Tambem acompanham esta escadaria de um e outro lado jardimzinhos em sucalcos, alguns d'elles com seus lagos de repuxo perenne, e com seus portões de ferro para os patamares.

No patim do terceiro lanço estão duas capellas de construcção differente das da avenida: a da esquerda é consagrada a S. Pedro, e a da direita a Santa Maria Magdalena. A primeira d'estas vê-se na gravura a pag. 105, com um grande portal, que tem tanto

de altura como de largura. Acham-se embebidas nas paredes d'este terceiro lanço da escadaria um brazão de armas, e tres lapidas com inscripções. O brazão é do arcebispo D. Jorge da Costa, e pertencia á primeira capella que houve n'aquelle monte, mandada edificar por este prelado. Foi achado este brazão nas escavações dos alicerces de obras que ahi se fizeram no anno de 1839, sendo presidente Joaquim da Motta Cardoso, abbade de Maximinos. É isto o que declara uma das tres inscripções referidas, que está por baixo do mesmo brazão. A outra inscripção diz assim:

Esta: Egreja: e Capella mãdou fazer: o proto notairo
Dõ: Joã: dã: Guarda: Dãyã
de: Braga: e Lameguo:
do conselho: de: El Rei:
Conde Palatino: por sua de
vãçã: a x6 *D: do Mez: de:*
Setenbro do ano: D 1522.

A esta segue-se logo abaixo a terceira inscripção, concebida n'estes termos:

Indica a reedificação da 2.ª *capella em* 1522, *que foi abolida no tempo de D. Rodrigo de Moura e Telles em* 1725. *Anno de* 1839.

A escadaria das *Tres Virtudes* é pois de construcção moderna. As suas estatuas, sem serem boas, não são, comtudo, tão cheias de imperfeições como as da primeira escadaria. Quanto a doiraduras, não foram mais felizes que as outras. Ostentam-n'as em abundancia nas roupas e nos ornatos.

A capella de S. Pedro é de abobada. Por cima está um terreiro plantado de arvores, no meio do qual se levanta a *estatua equestre de Longuinhos*. Cavalleiro e cavallo são maiores que o natural, e formados de uma só pedra de granito. Tem por base um elevado pedestal, que assenta sobre um grande rochedo quasi todo soterrado, deixando apenas ver a parte superior. A figura do soldado está vestida de armas brancas, com capacete, lança e broquel. [1] Como obra de arte pouca attenção merece; todavia, não se acham n'ella mal guardadas as proporções, o que já é alguma coisa para honra do artista. Tambem é certo que o granito das nossas provincias do norte não se presta, nem mesmo consente delicadezas de trabalho. Foi mandada fazer e doada ao sanctuario esta estatua equestre, no anno de 1819, pelo bacharel Luiz José de Castro Gomes do Couto, em cumprimento de um voto.

Conduz a escadaria das Tres Virtudes ao terreiro da cascata, que é circular, espaçoso e guarnecido de assentos. A cascata, que está em correspondencia com as fontes das escadarias, acha-se dentro de um arco de boa architectura, coroado pela estatua de Moysés, ferindo o rochedo com a vara para fazer brotar agua. Decoram as paredes lateraes pilastras e urnas. A agua da cascata sae do peito de um pelicano, e enchendo e trasbordando de tres taças, vem cair em um lago quasi ao nivel do terreiro.

Do terreiro da cascata sobem quatro escadas, duas semi-circulares, que vão torneando a mesma cascata, e conduzem ao adro do templo; a terceira, que principia no lado esquerdo, e leva á capella do *Descendimento da Cruz;* a quarta, que se dirige para a direita, conduz á capella da *Elevação da Cruz*, egual na fabrica á antecedente, e onde se vê representado o acto de se arvorar no calvario a cruz em que Jesus Christo está pregado. O titulo da capella do *Descendimento* indica o passo que está figurado interiormente. Joseph de Arimathea e Nicodemos estão no cimo da escada despregando da cruz a Jesus Christo; e junto da cruz vêem-se Nossa Senhora, a Magdalena, as tres Marias, os quatro servos dos prophetas, pegando nas toalhas, no lençol e nos aromas. No exterior ambas as capellas são de fórma oitavada, não sem elegancia. São guarnecidas de pilastras, que dividem os oitavados, correspondendo a cada pilastra, sobre a cimalha geral, uma urna. As cupulas são tambem oitavadas e pyramidaes. Acha-se situada a capella do *Descendimento* junto do *terreiro de Longuinhos*, com o qual se communica. As portas d'estas capellas estão voltadas para o adro do templo, servindo-lhe de communicação duas bonitas avenidas, largas, direitas, e de vinte metros de comprimento.

No terreiro da cascata vêem-se dois pequenos jardins triangulares, occupando o espaço entre as duas escadas que torneiam a cascata, e as outras duas que conduzem ás capellas do *Descendimento* e da *Elevação da Cruz*.

Todas as capellas, estatuas e fontes d'esta parte do sanctuario tem egualmente gravadas em lapidas inscripções historicas, preceitos religiosos, ou maximas moraes, extrahidas da Sagrada Escriptura, e allusivas aos passos representados nas mesmas capellas, aos personagens historicos e virtudes symbolisadas nas estatuas, e ás allegorias figuradas nas fontes.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

[1] Vid. a gravura a pag. 105.

O ESTILO É O HOMEM

(CONTO CAMPESTRE DE D. ANTONIO DE TRUEBA)

(Conclusão. Vid. pag. 108)

IV

Ao anoitecer do mesmo dia tinha eu inteiramente delineado na imaginação o conto que ia escrever. O conto havia de intitular-se *Os dois rivaes*, e o caso passaria em Navalcarnero; a heroina chamar-se-hia Rosa, o feliz namorado Angel, e o amante desprezado João.

Para que haja verdade nas obras de arte, convem tomar por modêlo a natureza, e imital-a até onde o permittam as prescripções da arte. Sabendo que esta é a minha opinião, comprehender-se-ha por que adoptei para o meu conto a localidade e os nomes que deixo mencionados.

Em quanto a sra. Claudia preparava a ceia, e João regressava a casa, saí a dar uma volta pela villa, aproveitando aquelle passeio para acabar de arredondar na minha imaginação o plano do conto.

Passando por uma travéssa escura, vi João ao pé de uma rotula, e pareceu-me que estava como receioso e sobresaltado, porque frequentemente voltava o rosto, mostrando receio de que alguem o visse alli, ou de que fossem disputar-lhe o posto.

Quando regressei a casa, depois de percorrer a povoação, já encontrei á porta o João, que chegára n'aquelle momento.

— Olá, João, lhe disse, vens de quebrar as esquinas, não é verdade?

— Ah! ah! ah!... não é verdade, não senhor!

— Vi-te, e por tal signal que estavas muito chegado á rotula...

— É serio; viu-me?

— Vi, sim!

— Em boa situação estaria se me visse outro...

— Não sejas zombeteiro, João.

— Que quer, sr. D. Antonio, por uma bella rapariga a gente deve arriscar alguma coisa.

— Pois havia perigo em fallar com a rapariga da rotula?

— Se havia!

João aproximou-se de mim e disse-me com voz baixa:

— A rapariga com quem o senhor me viu fallar

tem um namorado que é capaz de lhe dar uma punhalada sem olhar para as consequencias. Olhe, elle já esteve no degredo por uma morte que fez em Brunete.

— E então por que lhe fallas tu?

— Por quê? Porque é uma rapariga que se o senhor a visse... morria de amores por ella.

— Boa prenda ha de ser, quando tem relações com um rapaz que veiu do degredo, e, além d'isso, entretem namoro com outro homem!

— É mulher para tudo. Muito natural e muito resoluta, em fim, é mulher de armas. Tanto se lhe dará beber um almude de vinho e comer meio cabrito, como aos senhores da cidade beberem uma chavana de chocolate e comerem um bolinho.

— João, por Deus, não tenhas relações com essas mulheres!

— Por que não hei de ter? Gósto de mulheres assim... naturaes... sem refolhos...

A sra. Claudia interrompeu a nossa conversação, avisando-nos de que já estava a ceia na mesa.

Ceiámos, e em seguida retirei-me ao meu quarto para escrever, depois de beber uma chavana de café, com o qual costumo sempre obsequiar os meus nervos quando careço da sua collaboração.

Os meus pobres nervos conservaram-se muito aquella noite, pois quando os habitantes de Navalcarnero contavam as cinco horas da manhã, eu contava as ultimas aventuras dos *Dois rivaes*.

Pouco depois de amanhecer, João notou que eu estava levantado, e entrou no meu quarto.

— Ergue-se mui cedo, D. Antonio.

— Tão cedo que, ás vezes, nem me chego a deitar, como esta noite...

— Que trabalho tão apressado...

— É, com effeito.

— Não me admiro. Nós, os que sabemos escrever, temos umas vezes pressa, e outras... Vamos a ver que tal escreve o senhor...

João examinou os quartos manuscriptos que eu tinha sobre a mesa, e fez um gesto desdenhoso.

— Não te agrada a minha lettra?

— Ha de perdoar, sr. D. Antonio, porém eu sou muito natural. Com a mão esquerda escreverei muito melhor, apesar de que o senhor anda sempre mettido entre os livros.

— Tens razão, a minha lettra é má, é pessima.

— E para que lhes servem aos senhores os estudos? Bem digo eu que as coisas hão de ser naturaes.

Occorreu-me n'aquelle instante que João, apesar de ser tão bruto, me podia ser util.

Dera sempre á imprensa o original dos meus contos sem mandar tirar cópia. Por esta imprevidencia perdêra um que, sob o titulo de *Porta fechada*, entregára a certo editor, e da mão d'elle se extraviou, com prejuizo de seus interesses, mas com maior detrimento dos do auctor, que não consistem, como os interesses do editor, em um punhado de coroas pouco mais ou menos.

Esta sensivel perda fez-me tomar a precaução de ficar com cópia dos meus escriptos, e lembrou-me que João, visto os gabos que dirigia á sua caligraphia, podia copiar-me o conto que escrevia, a fim de não perder tempo.

— João, vae-me copiando estes quartos em quanto escrevo os que faltam.

— Prompto, respondeu-me João, muito satisfeito com aquella prova de confiança que lhe proporcionava occasião de mostrar-me a sua boa lettra. Verá como os provincianos somos melhores escriptores que as pessoas da capital, apesar de que os senhores se considerem uns sabichões.

Dei a João um charuto, que elle picou para cigarros, cortei-lhe papel fino para que não pesasse muito a carta em que devia mandar a cópia do conto, e o rapaz principiou a sua obra, seguindo com os movimentos da boca os formidaveis rasgos e floreados da penna.

Quando vi que terminou o primeiro quarto copiado, fui examinal-o, e notei que estava cheio de parvoices.

— Isto não póde passar.

— Por quê?

— Por que em cada linha ha dez disparates.

— Os disparates serão do senhor e não meus, replicou-me João muito enfadado.

— Será assim, porque a minha lettra não se entende.

— Veja-a. Bem digo eu que não lhes servem de nada os estudos...

— De nada, de nada, João... mas não continues a escrever.

E ia rasgar o quarto copiado por João:

— Que vae fazer? — exclamou o mancebo arrebatando-m'o das mãos.

— Rasgal-o, porque não me serve.

— Não servirá o que se escreveu n'elle, mas o papel é magnifico para mortalhas de cigarros. Até com a escripta estarão os cigarros melhor, porque figuram ser embrulhados em papel pintado.

E João, dando ao quarto tres dobras, metteu-o na algibeira.

Faltou-me tempo n'aquelle dia para tirar cópia do conto, e não querendo deixar de envial-o immediatamente para Madrid, nem confiar ao correio o orignal, que podia perder-se como o da *Porta fechada*, vim a Madrid para entregal-o propriamente ao editor.

— Pena é que descáia tanto o interesse d'este conto! — disse o guarda civil. Se ao menos dissesse o que succedeu a Rosa e Angel, que eram tão bons moços!

— Ó homem! vá continuando a leitura e deixe-se de interrupções!

— Tenha paciencia, senhor, tenha paciencia!...

— Acabe com mil anjos, que estou em torturas.

— Por quê?

— Outra interrupção, safa!... Continue a ler, ande.

Com esta advertencia, dei ao conto o interesse que ia perdendo, e o guarda continuou a leitura com mais avidez que d'antes:

Muito tempo depois da minha viagem a Navalcarnero, recebi uma carta d'aquella villa. Quem me escrevia era a sra. Claudia, que me dizia o seguinte:

«Sr. D. Antonio: — Não sei se terá sabido a desgraça de meu pobre filho. Eu, desde esse dia, tenho passado tão mal e perturbada, que não hei tido animo nem cabeça para lh'o participar. O meu pobre João appareceu uma noite assassinado com uma punhalada, na travessa de..., tres dias depois que o sr. D. Antonio se foi; e por um papel que se lhe encontrou na algibeira, escripto pela sua lettra e dictado por elle proprio, como reconheceu o sr. juiz, porque diz que o estilo é o homem, e pelas declarações de outros rapazes que ouviram o assassino ameaçal-o, sabe-se que o matou Angel, o noivo de Rosa, que fôra antes noiva de meu filho. Eu não só perdoei ao assassino, porque Deus manda que perdoemos aos nossos maiores inimigos, e porque a sua familia e a sua noiva são boas pessoas, senão tambem daria a minha vida para o livrar da morte a que o condemnaram.

«Elle jura e torna a jurar que é innocente; mas as provas do seu crime são taes, que o tribunal de Madrid confirmou a sentença do juiz da nossa comarca, e ámanhã irá para o oratorio. Ah! sr. D. Antonio! Que dor tão immensa para todo o povo, para seu infortunado pae e para sua noiva, que morrerão de vergonha! Como recordação do que o sr. fez por nossa causa no conselho provincial, rogo-lhe, em nome da Virgem, que se lance aos pés da rainha, que tem a alma tão compassiva, e implore de sua magestade a salvação d'este infeliz.

«Dizia o papel que se encontrou a meu pobre filho, que o aggressor não tinha de anjo mais que o nome; mas eu, apesar de ter vergonha de não odial-o com todo o vigor da minha alma, declaro que não posso inteiramente aborrecer o assassino do filho das minhas entranhas. Será porque sempre o estimei como aos meus proprios filhos, ou não sei por que será. O sr. prior, a quem, por me parecer peccado, confessei que não tinha forças para odiar o que derramára o meu sangue, disse-me que em vez de pesar-me na consciencia, devia antes louvar a Deus por isso, e que porventura o determinaria assim o Todo-Poderoso para salvar um innocente.

«Quando receber esta carta, que não sei se entenderá, porque tenho muito má lettra, e porque a escrevo com os olhos cegos de lagrimas, já Angel estará no oratorio; e que angustia, sr. D. Antonio, que angustia tamanha será a da sua alma e a de todos os que o prezâmos! Faça quanto possa a fim de salvar-lhe a vida, que lh'o supplico ainda uma vez em memoria de sua extremosa mãe!»

Corriam em fio as lagrimas pelas faces do guarda, ao acabar a leitura da carta.

— Veja, disse-me, se está retratada n'esta carta a sra. Claudia, como a retrataria o melhor photographo. Insisto em que tambem se póde dizer que o estilo é a mulher.

Como o guarda lia em voz alta, tambem aquella carta me commoveu, e de novo senti a agitação e a impaciencia que me atormentavam quando o guarda me prendeu.

O guarda, para quem o conto adquirira novo e maior interesse, apressou-se em continual-o ancioso de saber se eu salvára Angel.

Não carecia de outras provas além d'esta carta, para saber que Angel era innocente da morte de João. O papel que a sra. Claudia me dizia ter-se encontrado na algibeira de seu filho, era, nem mais nem menos, o primeiro quarto do meu conto os *Dois rivaes*, que João guardou para fazer cigarros; era a pagina de um diario em que um dos rivaes chamado João, como o filho da sra. Claudia, e, como o filho d'esta pobre mulher, de linguagem e inclinações vulgares, dizia:

«Angel chamam ao meu rival, porém de anjo só tem o nome. Ameaçou-me de que me faria e aconteceria, e tenho que andar com extremo cuidado, pois, quando não, ao voltar de uma esquina dar-me-ha duas punhaladas. É homem para isso».

O que assassinára João era o degradado, com a amante do qual vi fallar o filho de Claudia, na vespera do assassinio.

Não precisava, pois, de implorar a clemencia da rainha para salvar um innocente, e talvez para fazer com que caísse a espada da lei sobre a cabeça de um malvado; bastava-me apresentar no tribunal de Navalcarnero um numero do semanario em que se publicára um dos meus contos, e assignar uma declaração em fórma.

E tomei apressadamente o caminho de Navalcarnero, certo de que da minha viagem dependia a vida e a honra de duas familias innocentes e honradas, e o castigo de um grande criminoso.

— E chegou a tempo? — perguntou-me o guarda com anciedade.

— De vossemecê depende que eu chegue.

— Pois corra, senhor, corra sem demora, *sr. Trueba*, exclamou o guarda impellindo-me, como se quizesse com o impulso da sua vontade fazer-me vencer de um salto as duas legoas de caminho que me faltavam.

— Dê-me esse conto, lhe disse.

— Quando voltar lhe darei cópia, porque o original tem que ficar em meu poder, como prova de que o senhor *é quem é*.

V

Cheguei a Navalcarnero.

Angel estava, com effeito, no oratorio, e vi todo o povo consternado.

Fui primeiramente alliviar a afflicção do pobre sentenciado, assegurando-lhe que tinha confiança na sua salvação.

Com o jornal em que se publicára, com a minha assignatura, tres dias antes do assassinio, o escripto que se encontrára ao assassinado, destrui uma das provas que mais depunham contra Angel.

Declarando o que João me revelára, fiz com que se prendesse o verdadeiro assassino, que declarou logo o crime e a premeditação d'elle.

Angel foi posto immediatamente em liberdade, e eu accedi a permanecer algum tempo em Navalcarnero, onde era objecto das maiores attenções e obsequios.

A sra. Claudia tinha um filho e um protector em cada habitante, e particularmente em Angel e em Rosa; mas a infeliz mãe estava tristissima, porque não podia esquecer seu filho, e a solidão do lar domestico matava-a.

Angel e eu passeavamos um dia na praça, exactamente na vespera do casamento de Angel com Rosa, para o qual, já se sabe, estava convidado, quando vimos Claudia correndo, chorando e gritando como louca:

— O meu filho! o meu filho!... Já tenho filho, seja Deus louvado!... Chegou!...

Angel e eu julgámos que perdêra o juizo, e apressámo-nos em correr ao seu encontro.

A pobre mulher lançou-se aos nossos braços, e então soubemos que o filho de quem fallava era Pepe, o que chorava perdido havia tantos annos, Pepe que chegára da America, bello, moço, quasi rico, e bem disposto para amparar e fazer ditosa a ancianidade de sua affectuosa mãe!

Tenho sido raras vezes tão feliz como no dia em que assisti ao consorcio de Angel e Rosa, pela simples razão de que poucas vezes hei visto tamanha felicidade como a que presenciei n'aquelle dia.

Tomei, no seguinte, o caminho de Madrid, e demorei-me em Móstoles para que o cabo dos guardas civis me désse cópia do conto que me obrigára a escrever.

O guarda civil esperava-me impacientemente, porque desejava que lhe referisse, com todas as circunstancias, o resultado da minha viagem a Navalcarnero. Satisfiz ao pedido com prazer, porque então não me inquietava nem me affligia a idéa de um innocente proximo a expirar em affrontoso patibulo.

— E que vae agora fazer d'esse conto, que tanto empenho tem de guardar? — me perguntou ao dar-me a cópia que me preparára.

— Vou, respondi-lhe, convertel-o em pão.

— Quer dizer, em dinheiro?

— Sim.

— Homem, occorre-me uma coisa (e perdõe-me se é tolice, pois de nenhum modo quero offendel-o); os que necessitam sentir para crear vendem as suas producções, e parece-me que não é muito nobre vender aquillo em que tomou parte a alma, aquillo que se formou com as lagrimas dos olhos e as fibras do coração.

— Em França, respondi, talvez que vendam as lagrimas dos olhos e as fibras do coração, e d'isso dará porventura conta o célebre Alexandre Dumas, que tem comprado as lagrimas e as fibras com que se formaram muitas das creações que passam por serem d'elle; mas na peninsula hispanica, Deus louvado, não succede o mesmo, porque o auctor conserva o caracter e os sentimentos de suas producções, e não tem duvida nem receio de firmal-os singelamente com o seu nome.

B. A.